

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

**ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO TEXTUAL
NO CONTEXTO ÉTNICO-RACIAL**

MIRLÂNDIA REGINA AMAZONAS-PASSOS
VILMA DE JESUS DE ALMEIDA SERRA
organizadoras

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO TEXTUAL
NO CONTEXTO ÉTNICO-RACIAL

MIRLÂNDIA REGINA AMAZONAS-PASSOS
VILMA DE JESUS DE ALMEIDA SERRA
organizadoras



INSTITUTO FEDERAL
Amazonas
Campus Manaus Centro

NEABI
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena
IFAM - CAMPUS MANAUS CENTRO

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO
CONTEXTO ÉTNICO-RACIAL

Este e-book é produto do resultado das ações do PIBEX-2024, edital n. 002/2024 e do PIBEX-2023, edital n. 001/2023, PROEX-IFAM, tendo como público autor alunos da Escola Estadual Farias de Brito, Escola Estadual de Tempo Integral Prof. Djalma da Cunha Batista, escolas parceiras que contribuíram para o desenvolvimento das ações dos respectivos projetos de extensão, realizado por meio do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena do Campus Manaus Centro do Instituto Federal do Amazonas.

As produções iconográficas, textuais e gêneros literários foram elaboradas por alunos dos 7º, 8º e 9º anos das escolas parceiras e também por alunos do ensino médio integrado do Campus Manaus Centro do Instituto Federal do Amazonas.

Site do NEABI-CMC



Repositório do IFAM



MIRLÂNDIA REGINA AMAZONAS-PASSOS
VILMA DE JESUS DE ALMEIDA SERRA
organizadoras

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO
CONTEXTO ÉTNICO-RACIAL

MANAUS-AM
2024



Diretor-Geral do Campus Manaus Centro do IFAM

Prof. Dr. Edson Valente Chaves

Coordenadora do NEABI-CMC

Prof. Ma. Vilma de Jesus de Almeida Serra

Organizadoras

Mirlândia Regina Amazonas-Passos

Vilma de Jesus de Almeida Serra

Diagramação

Mirlândia Regina Amazonas-Passos

Revisão textual

Vilma de Jesus de Almeida Serra

Reunião dos materiais, fotografias e transcrição textual

Anne Yousebecca Louis

Andréia Kamilly dos Santos Pereira

Carla Monique Santos Santana

Recurso de diagramação

<https://www.canva.com/>

Dados internacionais de Catalogação na Publicação

E96 Expressões artísticas do aluno autor: arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial / organizadoras, Mirlândia Regina Amazonas-Passos, Vilma de Jesus de Almeida Serra. – Manaus: NEABI-CMC, 2024.
93 p. : il. color.

Vários autores.

Identificação dos autores junto as suas respectivas expressões artísticas.

Publicação em meio digital (PDF).

e-ISBN 978-65-85652-76-6

1. Educação antirracista – Artes – Iconografia – Linguagem poética. 2. Poema.
3. Crônica. 4. Exposição argumentativa. 5. Educação profissional técnica e
tecnológica. I. Amazonas-Passos, Mirlândia Regina. II. Serra, Vilma de Jesus de
Almeida. III. NEABI-CMC. V. Instituto Federal do Amazonas. VI. Título.

CDD (21. ed.) 704.9

B869.8113

Sumário

07 — APRESENTAÇÃO

10 — DESENHOS

Vários autores

46 — EXPOSIÇÕES ARGUMENTATIVAS

Medicina indígena, 47

Matrizes africanas, 48

Gastronomia brasileira, 49

Identidade cultural, 50

Formação da cultura brasileira, 51

Contribuição cultural, 52

Diversidade cultural, 53

Hábitos culturais, 54

Tradições religiosas, 55

Cultura africana, 56

Tradições e práticas culturais, 57

Sumário

58

POEMAS

A dor dos indígenas, 59
As guerras dos povos indígenas, 60
Mundo desigual, 61
Povos indígenas do Brasil, 62
Vozes ancestrais: o eco poético dos povos indígenas, 63
Os filhos da terra, 64
Potira, a jovem guerreira da floresta, 65
Alma Resistente, 66
Nossos povos, 67
loroque cari (demônio branco), 68
Sussurros da natureza, 69
Povos indígenas, guardiões da terra, 70
Os povos indígenas do Brasil, 71
Questão indígena, 72
Poema do contexto atual da sociedade, 73
Verso da Amazônia, 74
Origem, 75
Água do rio, 76
O nortista, 77
Minha terra, 78
Aquele que vem do Norte, 79

80

CRÔNICAS

Vida de ribeirão do norte do Brasil, 81
Confusão manauara, 82
O guardião da floresta, 83
Ser do Norte, 84
O homem do Norte, 85
Em busca da inspiração, 86
Amanhecer, 87
Interior, 88
Ser feliz no Norte, 89
O Norte do Brasil, 90
Cultura esquecida, 91
Boi Bumbá, 92
A conversa de um povo, 93

Apresentação

Prezando pela continuidade da publicização das ações de extensão no âmbito do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena do Campus Manaus Centro (NEABI-CMC), apresentamos à comunidade estudantil e ao público em geral este e-book que representa o registro das ações que foram realizadas no decorrer do ano de 2024, sob o aporte do projeto de extensão intitulado “Experiências extensionistas do NEABI-CMC: arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial”.

O projeto teve como objetivo contribuir para ampliar o conhecimento dos alunos dos 7º, 8º e 9º anos da Escola Estadual Farias de Brito (escola parceira do PIBEX-2024) sobre história, arte e cultura no contexto pluriétnico brasileiro, incentivando-os a adentrarem os caminhos da pesquisa por meio das produções textual e iconográfica realizadas em oficinas, com a finalidade de produzir reflexões sobre as questões étnico-raciais. Os aprendizados sobre a temática foram representados por meio de expressões artísticas que integram este e-book.

De forma concomitante, o projeto de extensão PIBEX-2024, envolveu alunos dos cursos do Campus Manaus Centro do IFAM, os quais também puderam expressar artisticamente seus conhecimentos sobre a etnicidade. Assim, nesse diálogo com a comunidade externa, os alunos do CMC produziram desenhos e gêneros literários enfocando as questões raciais.

Também é oportuno fazer referência ao PIBEX 2023 que abordou a temática “Semana dos povos indígenas do Amazonas 2023: encontro das diferenças”, momento em que alunos da Escola Estadual de Tempo Integral Professor Djalma da Cunha Batista, escola parceira do PIBEX-2023, realizaram oficinas de produção do gênero literário crônica que compõem este e-book.

Sendo assim, tanto o PIBEX-2024 quanto o PIBEX-2023, regidos pelos editais n. 002/2024-PROEX/IFAM e n. 001/2023-PROEX/IFAM, respectivamente, demandaram materiais que possibilitaram a publicação deste e-book intitulado “Expressões artísticas do aluno autor: arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial”.

Apresentação

Ressalta-se que o objetivo do NEABI-CMC com a produção deste e-book é registrar o resultado das ações extensionistas realizadas por meio de oficinas e assim poder viabilizar um caminho para fomentar a temática no âmbito escolar sobre o contexto pluriétnico brasileiro, em destaque o do Amazonas.

Acreditamos que com a aplicação do projeto de extensão a leitura e a discussão sobre a temática afro-brasileira e indígena foram ampliadas na escola, uma vez que foi possibilitado aos alunos envolvidos nas ações registrarem seus aprendizados com a produção de imagens iconográficas, poemas, exposições argumentativas e crônicas de temas importantes para a educação antirracista.

O e-book “Expressões artísticas do aluno autor: arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial” apresenta uma estrutura visual com trinta e seis desenhos, onze exposições argumentativas, dezenove poemas e treze crônicas. Organizado pelas servidoras Mirlândia Amazonas e Vilma Serra teve seu lançamento durante o Encontro do NEABI-CMC em Ensino, Pesquisa e Extensão (ENCEPE 2024), com a temática “Diversidade étnico-racial no contexto escolar”, ocorrido no dia 22 de novembro, no Campus Manaus Centro do IFAM.

Acreditamos na importância dessa publicação, tendo em vista a necessidade de disseminar a história, a arte e a cultura dos povos afro-brasileiro e indígena, contribuindo, assim, para produzir a reflexão de escolares sobre as questões raciais.

Mirlândia Regina Amazonas-Passos
Bibliotecária IFAM-CMC

Vilma de Jesus de Almeida Serra
Professora IFAM-CMC



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

**ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO TEXTUAL
NO CONTEXTO ÉTNICO-RACIAL**

As produções iconográficas, exposições argumentativas e gêneros literários apresentadas a seguir foram elaboradas pelos alunos dos 7º, 8º e 9º anos da Escola Estadual Farias de Brito, escola parceira do PIBEX-2024, e também pelos alunos da Escola Estadual de Tempo Integral Professor Djalma da Cunha Batista, que foi parceira do PIBEX-2023, além de produção dos alunos dos cursos do ensino médio integrado do Campus Manaus Centro do IFAM.

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial



Desenhos elaborados durante oficina de produção artística sobre temáticas étnico-raciais, com alunos dos 7º, 8º e 9º anos da Escola Estadual Farias de Brito, da Escola Estadual Djalma da Cunha Batista e também com alunos do ensino médio integrado do curso Técnico em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM.



Desenho de
Salomão de Lima Queiroz Coelho,
aluno do 7º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Helena da Costa Fernandes,
aluna do 9º ano, turma 2, da
Escola Estadual Farias de Brito



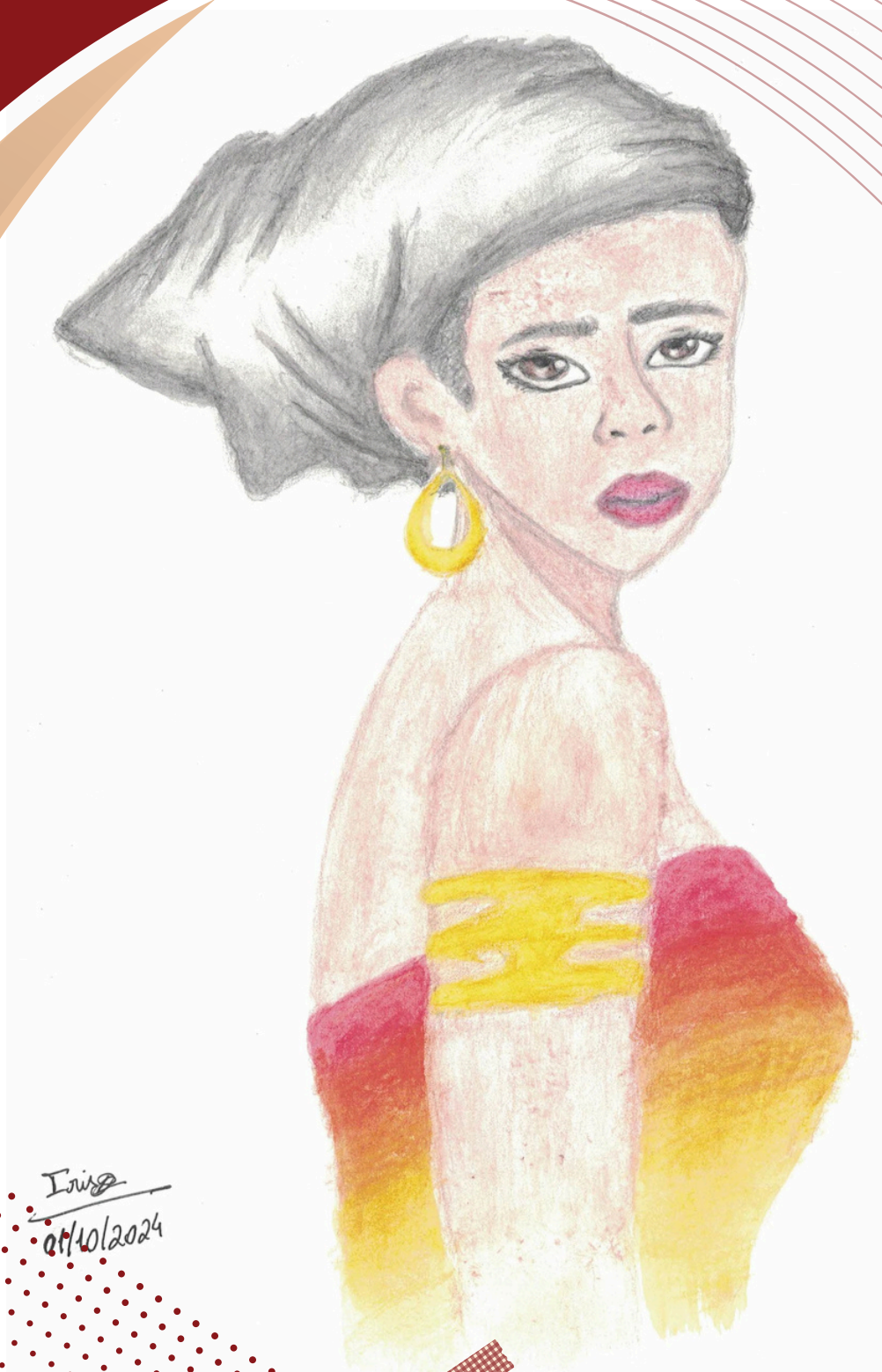
Desenho de
Ali Martins Gonzalez Villegar,
aluno do 8º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Laura Gabrielly B. Cruz,
aluna do 8º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Isis Eduarda Gato Duarte,
aluna do 9º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Iris Peixoto de Almeida,
aluna do 9º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Isis Peixoto de Almeida,
aluna do 9º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



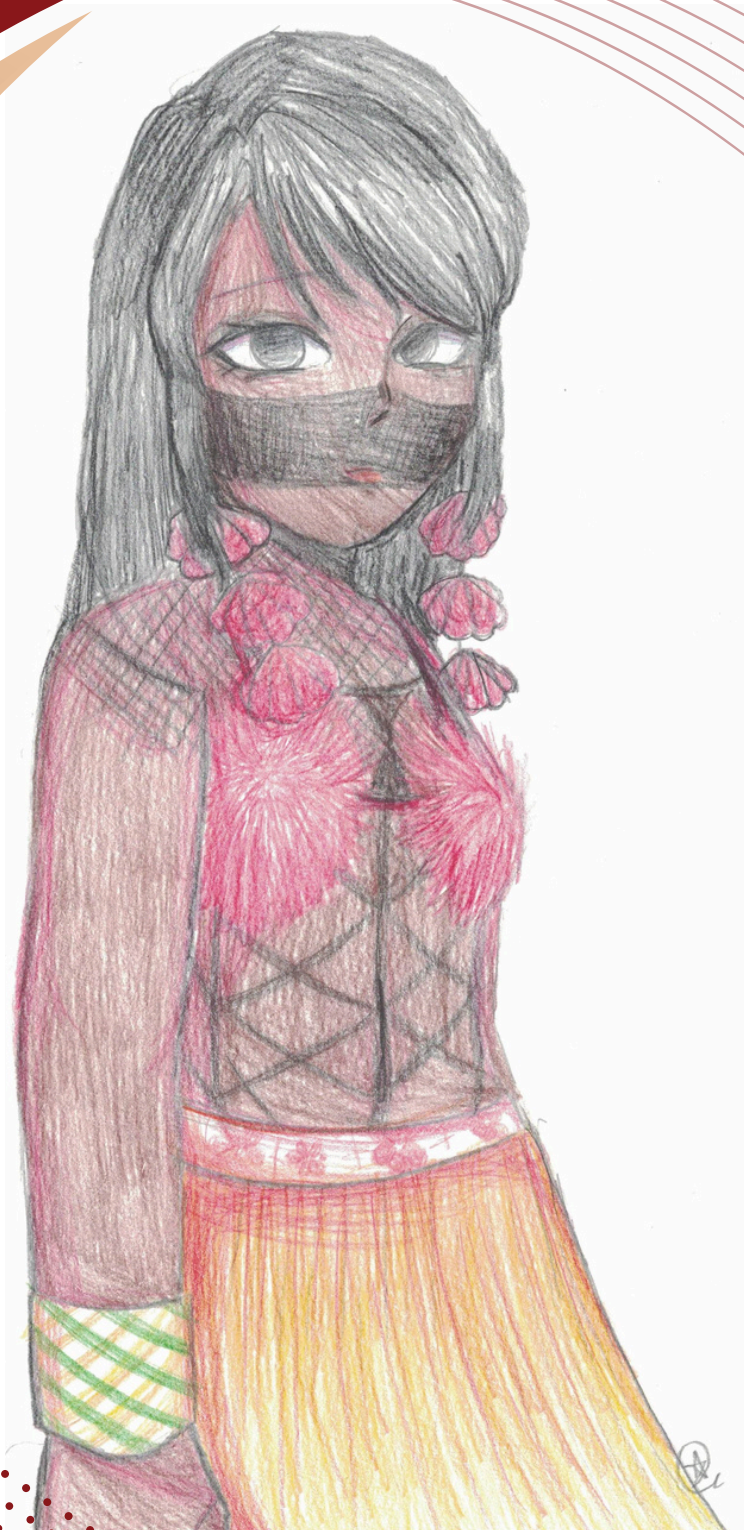
Desenho de
Wendy da Rocha Tavares,
aluna do 9º ano, turma 2, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Lorrany Coelho de Siqueira,
aluna do 7º ano, turma 2, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Gustavo de Souza de Melo,
aluno do 9º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Ana Beatriz Souza dos Santos,
aluna do 7º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Euryck Matheus Bezerra dos Santos, aluno do 7º ano, turma 1,
da Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Eloisa Beatriz dos Santos,
aluna do 7º ano, turma 2, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Ester Amia de Moraes,
aluna do 9º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Graziella Coelho de Siqueira,
aluna do 7º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Kauã Wickelme Amaral,
aluno do 9º ano, turma 2, da
Escola Estadual Farias de Brito



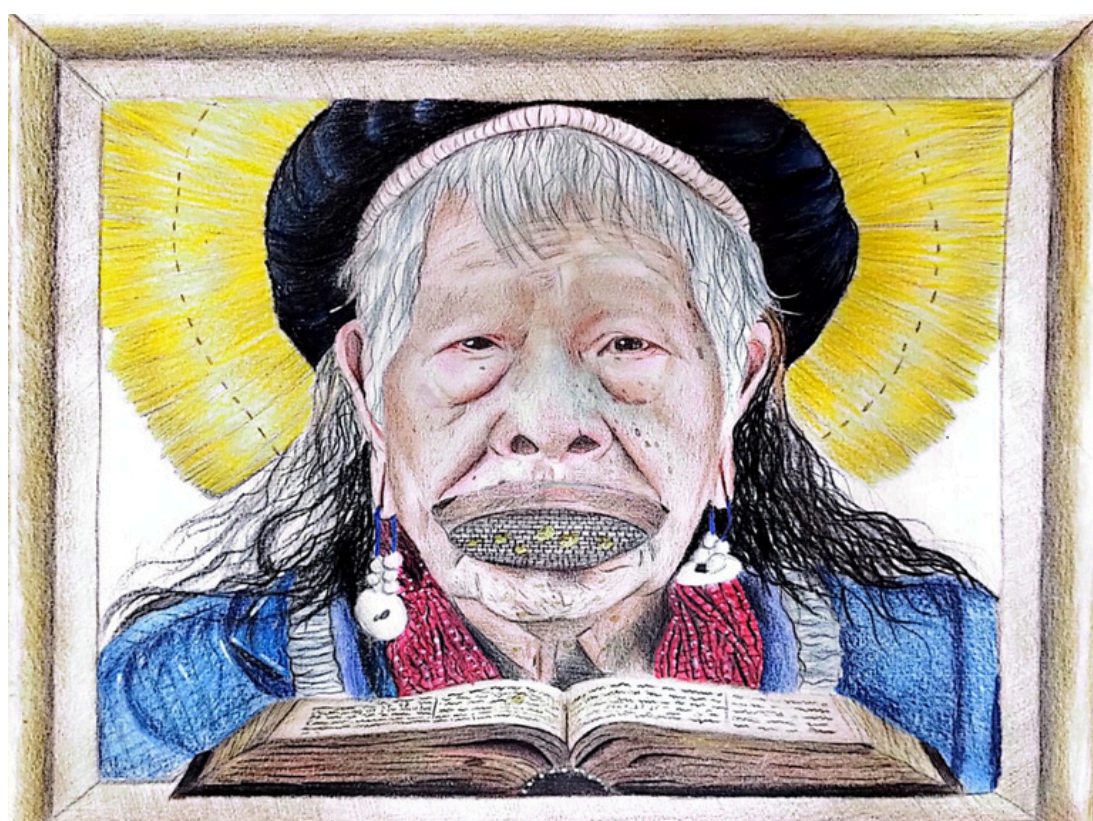
Desenho de
Kingler Marcos Soares da Silva,
aluno do 8º ano, turma 2, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de
Maria Nicole Garcia Bezerra,
aluna do 7º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



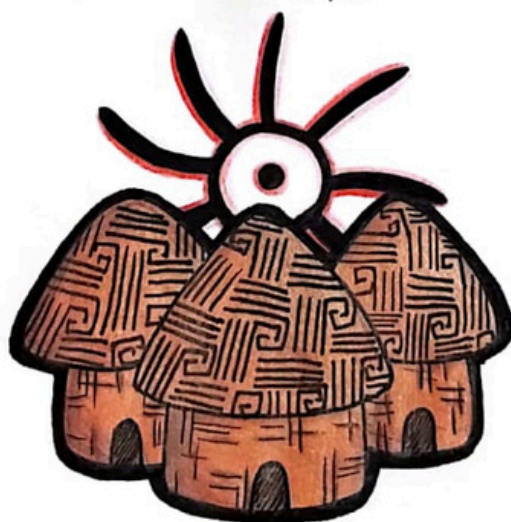
Desenho de **Letícia Rihanna**,
aluna do 9º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito



Desenho de **Ana Karolina Couto**,
aluna do 1º ano, do curso de
Técnico de Nível Médio Integrado
em Edificações do Campus Manaus
Centro do IFAM

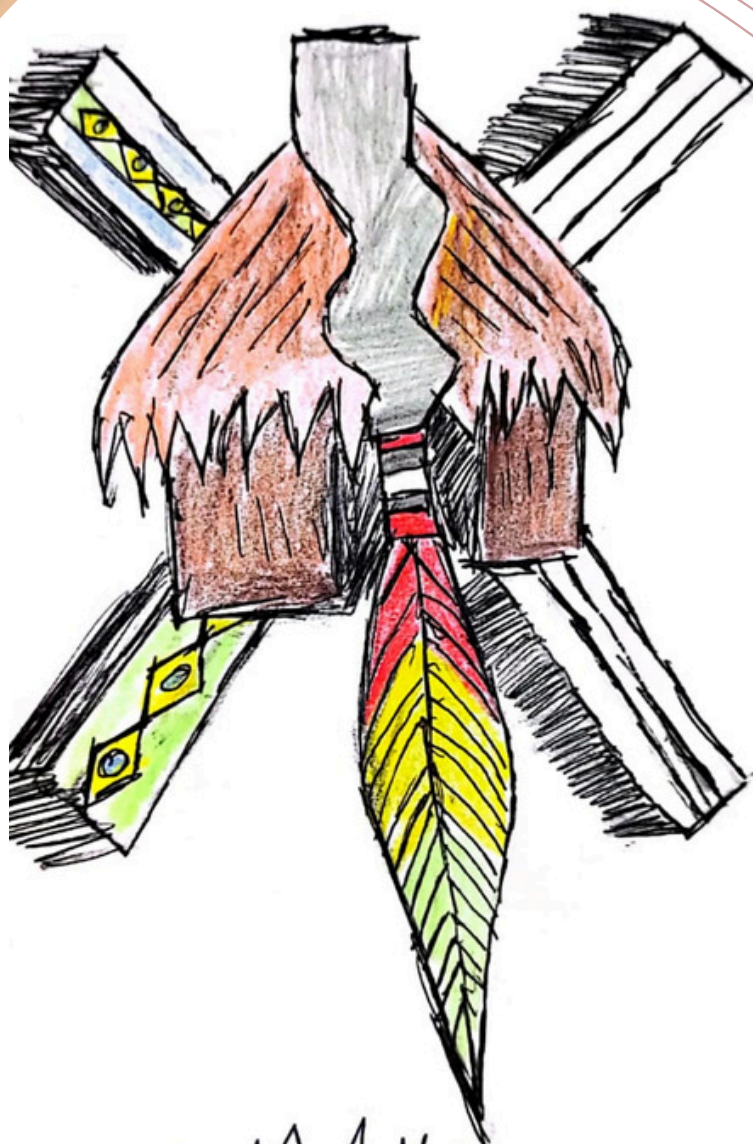


Aquecimento
Global



Poros Indígenas

Desenho de **Helena Kawamura Calheiros**, aluna do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



SEMANA INDÍGENA

Desenho de **Lucas Prestes de Carvalho**, aluno do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



Desenho de **Maria Eduarda Souza**,
aluna do 1º ano, do curso de
Técnico de Nível Médio Integrado
em Edificações do Campus Manaus
Centro do IFAM



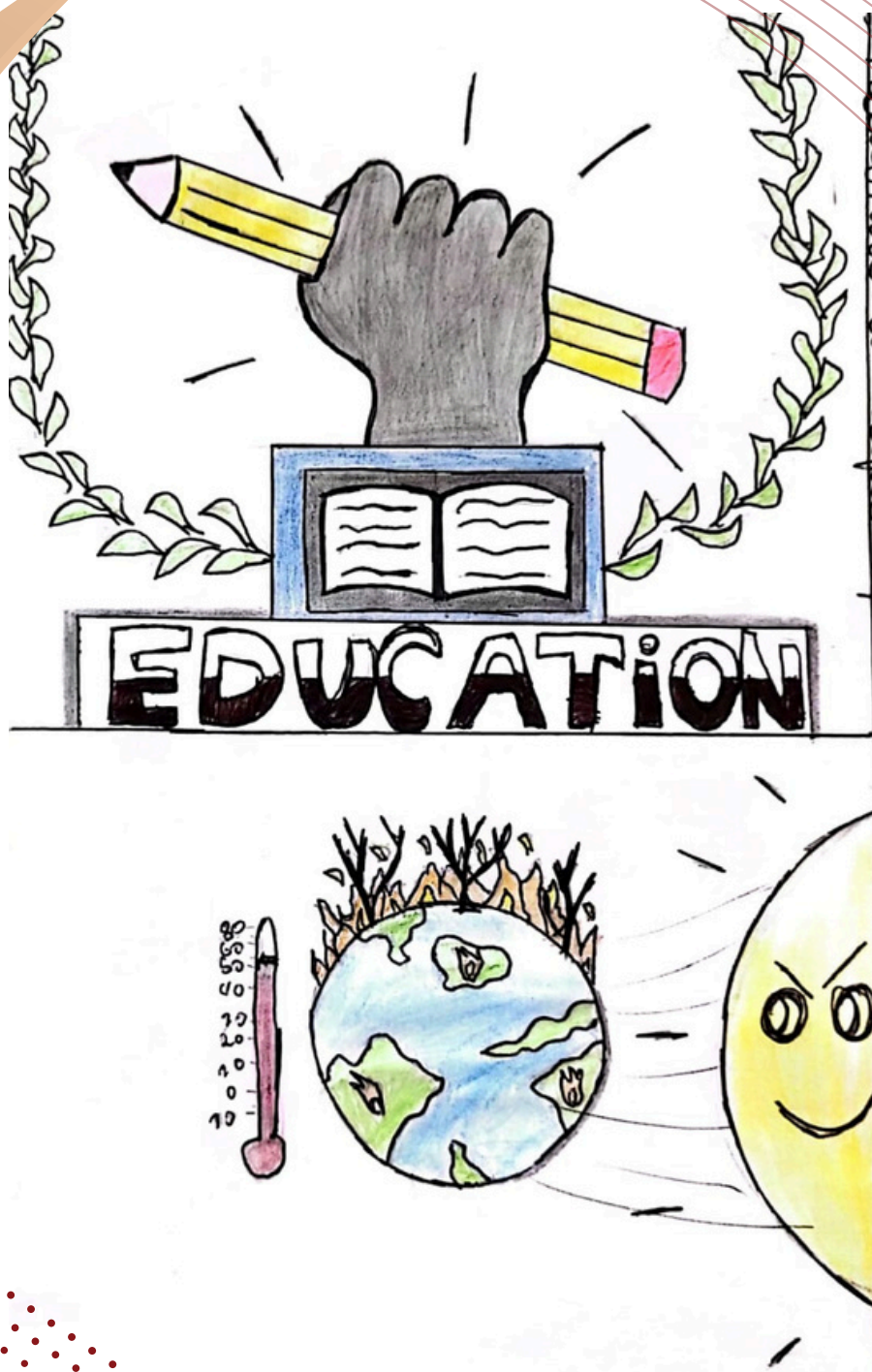
Desenho de **Maria Eduarda Farias de Oliveira**, aluna do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



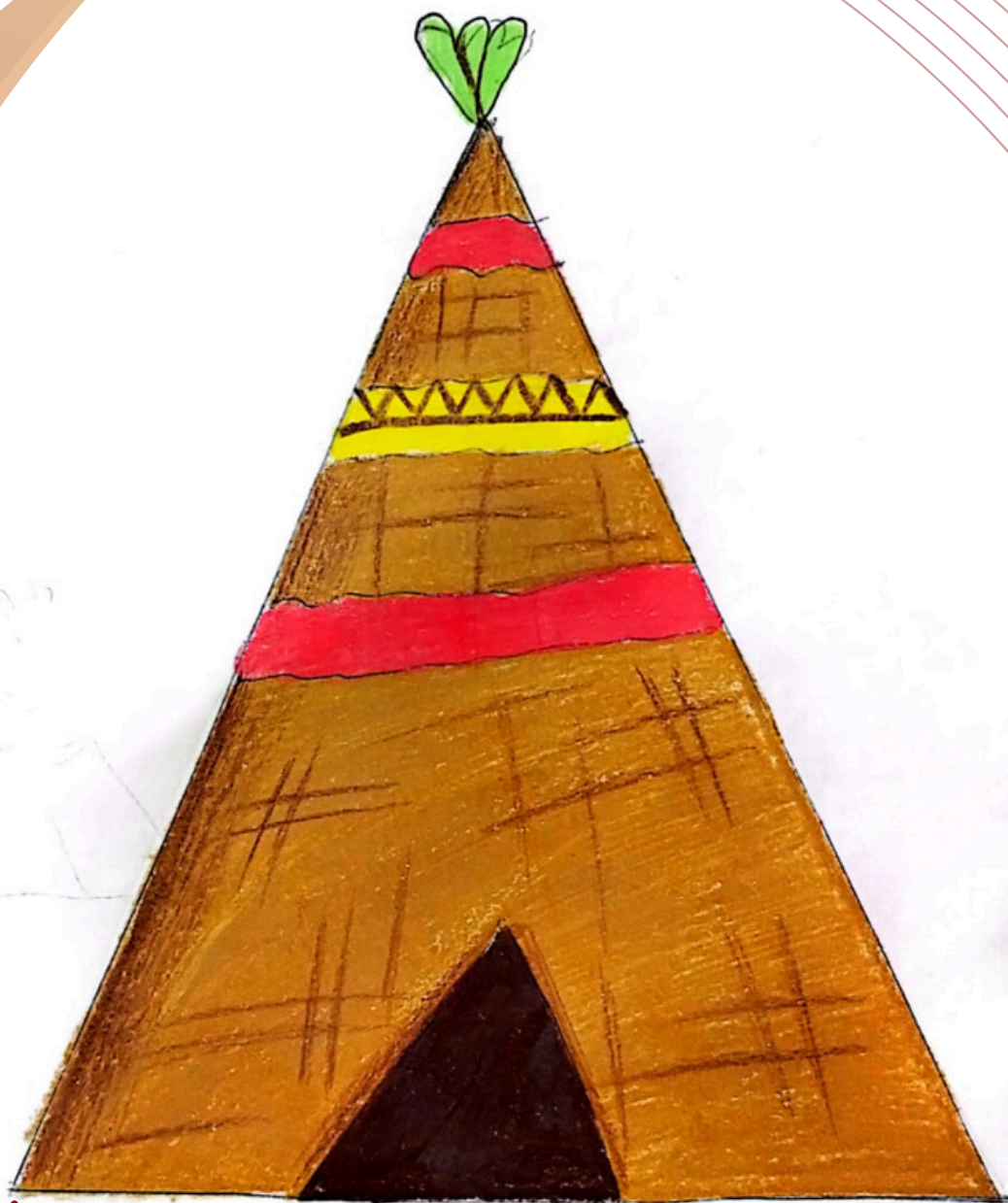
Desenho de **Ananda Louise Santana de Albuquerque**, aluna do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



Desenho de **Rebeca Almeida Ferreira**, aluna do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



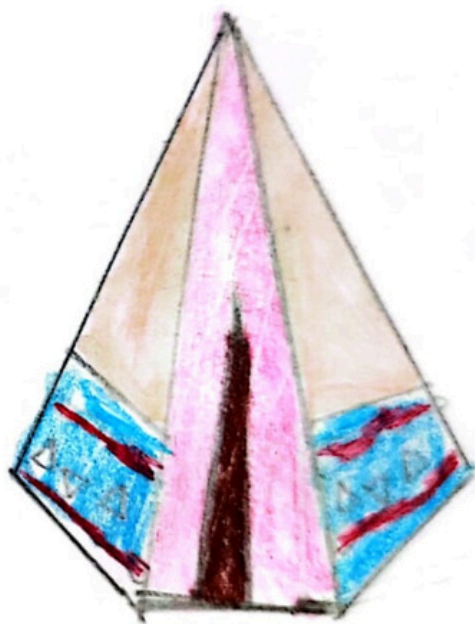
Desenho de **Natanael Albuquerque e Silva**, aluno do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



Desenho de **João Roberto de F. Guimarães**, aluno do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



Desenho de **Nicolly Cristine Cunha Maia**, aluna do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



Desenho de **Guilherme Gabriel Crispim Araújo**, aluno do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



Desenho de **Jardelma Lopes Silva**,
aluna do 1º ano, do curso de
Técnico de Nível Médio Integrado
em Edificações do Campus Manaus
Centro do IFAM



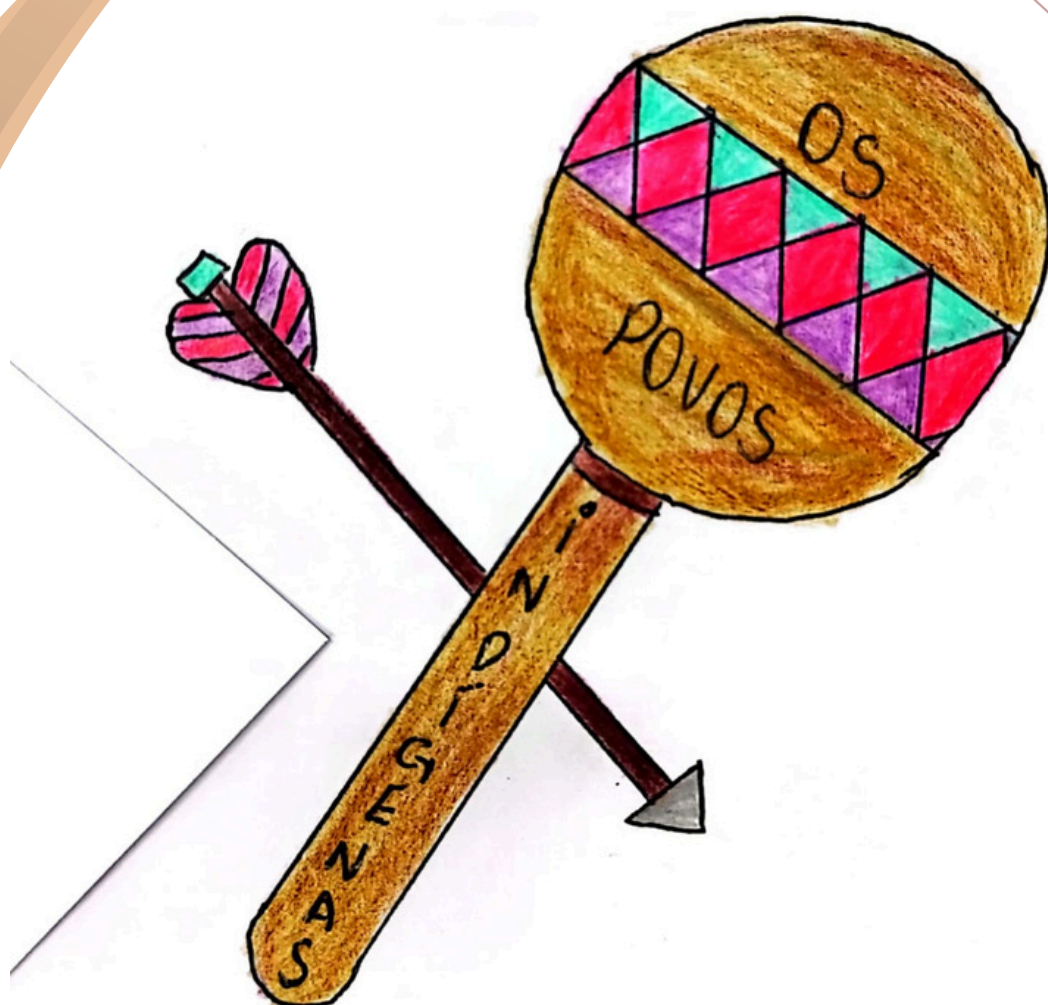
Desenho de **Ana Gabrelly Medeiros Pinho**, aluna do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



Desenho de **Davi Gomes Leão**,
aluno do 1º ano, do curso de
Técnico de Nível Médio Integrado
em Edificações do Campus Manaus
Centro do IFAM



Desenho de **Mônica Nascimento Vasconcelos**, aluna do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM



Desenho de **Priscila Hounsell Ferreira**, aluna do 1º ano, do curso de Técnico de Nível Médio Integrado em Edificações do Campus Manaus Centro do IFAM

xposições argumentativas

Exposições argumentativas produzidas por alunos dos 7º, 8º e 9º anos da Escola Estadual Farias de Brito, elaboradas em oficina de produção textual, durante o desenvolvimento do PIBEX-2024, com o tema: “Experiências extensionistas do NEABI-CMC: arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial”.

Medicina indígena

As origens da medicina indígena estão profundamente ligadas às particularidades de cada povo, refletindo um vasto conhecimento que varia de região para região. Essa prática utiliza uma ampla variedade de plantas e ervas, cujas propriedades curativas são valorizadas por gerações.

Um exemplo é o gengibre, que é utilizado para tratar doenças como gripe e dores em geral.

É interessante notar que os registros arqueológicos indicam que as primeiras civilizações, que incorporaram tanto a medicina quanto a culinária em suas culturas, surgiram na Tanzânia, Quênia e Egito há cerca de 6 mil anos. Dessa forma, a medicina indígena não apenas contribui para o bem-estar físico, mas também é uma expressão rica da identidade cultural e da relação entre os povos e seus ambientes.

Maiele Luiza Souza do Nascimento,
aluna do 8º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito

Matrizes africanas

No Brasil, de acordo com o IBGE, 0,3% da população pratica o Candomblé, uma religião afro-brasileira que tem suas raízes em tradições africanas, enquanto 0,2% segue a Umbanda. Essas religiões de matrizes africanas chegaram ao país por meio do povo escravizado e permanecem vivas até hoje, com práticas que incluem o culto a orixás, oguns e inquices.

Além de sua relevância espiritual, as religiões afro-brasileiras desempenham um papel crucial na sociedade, influenciando a música, as artes, a dança e as festividades. É importante destacar que, sem a resistência e a resiliência dos africanos escravizados e seus descendentes, a cultura brasileira seria muito menos rica e diversificada.

Essas religiões, além de manterem tradições ancestrais vivas, também serviram como formas de resistência contra a opressão colonial, promovendo um sentimento de identidade e pertencimento em face das adversidades.

Laura Gabrielly Batista Cruz,
aluna do 8º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito

Gastronomia brasileira

A gastronomia brasileira é profundamente influenciada pelas tradições indígenas e africanas, tanto nos ingredientes utilizados quanto nas técnicas de preparo. Entre os pratos mais populares dessa herança, destaca-se o tacacá, uma receita à base de tucupi, típica da região Norte e muito apreciada em todo o país.

No Nordeste, encontramos o crepe de tapioca, que pode ser recheado com uma variedade de sabores, refletindo a diversidade cultural da região. Outro famoso prato é a moqueca baiana, que é preparado com leite de coco, peixe e o azeite de dendê. Entretanto, a contribuição indígena e africana vai além da culinária; a música também é uma parte marcante dessa herança cultural. Os africanos, trouxeram ritmos que se misturaram com a cultura local, resultando em gêneros como o samba, que carrega traços fortes da cultura africana.

Assim, a gastronomia e a música brasileira não apenas celebram a pluralidade, mas também são testemunhas dessa diversidade cultural que formou a identidade do nosso país.

Agatha Beatriz Medeiros Cavalcante,

aluna do 8º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito

Identidade cultural

Os povos indígenas e africanos trouxeram uma rica variedade de acessórios que refletem a cultura e as tradições brasileiras. Feitos com materiais como sementes, couro e miçangas. Esses adereços não apenas expressam identidade cultural, mas também têm um impacto positivo no meio ambiente.

As sementes utilizadas na confecção dos acessórios frequentemente se entrelaçam com práticas medicinais, pois esses povos também as empregavam na elaboração de remédios. Historicamente, as comunidades indígenas e africanas utilizavam as plantas e ervas medicinais, cada uma com funções específicas, para o tratamento de feridas até a cura de doenças mais complexas.

Assim, a união entre arte e medicina destaca a sabedoria de um povo e a profunda conexão com a natureza que caracteriza essas culturas.

Caroline Bittencourt Rodrigues,
aluna do 8º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito

Formação da cultura brasileira

Umbanda é uma religião muito importante para a formação da cultura brasileira. Ela destaca a necessidade da saúde e do bem-estar em suas práticas.

O termo 'Umbanda' reflete sua conexão com a medicina espiritual. Essas influências são evidentes em seus rituais, músicas e danças, que ressoam com as raízes africanas e impactam no que ouvimos, vestimos e até pensamos hoje em dia.

Assim, essa religião não apenas exalta a espiritualidade, mas também tem grande influência na cultura do nosso povo, unindo tradições africanas e brasileiras.

Júlia Johana Oliveira da Silva,
aluna do 8º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito

Contribuição cultural

Os povos africanos e indígenas trouxeram vasta contribuição cultural para o Brasil, influenciando a língua, a culinária, as danças, as músicas e diversas religiões. Entre as religiões estão o Tambor de Mina, originário do Maranhão, o Xangô, de Pernambuco, e o Candomblé, da Bahia.

Na dança, destacam-se o afoxé, o toré, a quadrilha e o kuduro, além de outras expressões como o schikatt e o samba. Em termos de música, esses povos introduziram gêneros musicais como African House, Apala, Bikutsi e Cape jazz, entre muitos outros.

Na culinária, os povos indígenas exerceram uma forte influência, trazendo alimentos como paçoca, tacacá, pamonha, bolo de mandioca, milho e muito mais. Além disso, diversos hábitos da cultura brasileira têm origem indígena, como o costume de dormir em redes, as práticas de pesca e a alimentação à base de mandioca.

Essa diversidade cultural fortemente influenciada pelos povos africanos e indígenas nos ajudam a compreender a pluralidade e identidade cultural do nosso país.

Cristian William Leal Cavalcante,
aluno do 8º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito

Diversidade cultural

A história dos povos africanos é marcada por uma rica diversidade cultural, com muitos aspectos dignos de exploração. A religião de matriz africana, como o iorubá, é um exemplo de tradição que deu origem a várias religiões brasileiras, como o candomblé e a umbanda, que hoje são amplamente praticadas no Brasil.

Assim como as religiões de origem africana, a culinária indígena exerce uma influência profunda e significativa na cultura brasileira, com raízes que remontam às práticas alimentares dos povos nativos. A culinária indígena se baseia em ingredientes encontrados na natureza e utiliza técnicas tradicionais de preparo, como o uso de fogueiras, fornos de barro, defumação, entre outros métodos ancestrais. Esses alimentos e modos de preparo, preservados ao longo dos séculos, continuam a ser fundamentais na alimentação brasileira e foram integrados com as influências de outras culturas, como a africana e a europeia.

Dessa forma, tanto a religiosidade quanto a gastronomia demonstram uma rica interação entre as culturas indígenas, africanas e europeias na formação da identidade brasileira.

Ana Emanuely Barbosa Adão,
aluna do 8º ano, turma 2, da
Escola Estadual Farias de Brito

Hábitos culturais

A cultura brasileira, assim como a formação étnica de seu povo, é vasta e diversa. Nossos hábitos culturais foram moldados por uma mistura de influências de indígenas, africanos, portugueses, espanhóis, italianos, japoneses e muitos outros, resultado da colonização e dos fluxos migratórios.

A religião, como um importante elemento cultural, também passou por um processo de miscigenação, dando origem ao que chamamos de sincretismo religioso

Esse sincretismo reúne elementos do candomblé, do cristianismo e das crenças indígenas, criando uma religiosidade plural que reflete a união de diferentes tradições religiosas no Brasil.

Juliana da Silva Regis,
aluna do 8º ano, turma 2, da
Escola Estadual Farias de Brito

Tradições religiosas

A cultura africana desempenhou e ainda desempenha um papel crucial na formação da sociedade brasileira. Os africanos trouxeram para o Brasil não apenas alimentos típicos, mas também tradições religiosas, vestimentas e manifestações musicais.

Na esfera religiosa, por exemplo, destacam-se religiões afro-brasileiras como o candomblé. A chegada dos africanos também impulsionou a miscigenação, enriquecendo a diversidade cultural e influenciando o surgimento de gêneros musicais como o samba.

Apesar de enfrentarem racismo e discriminação ao longo da história — sendo muitas vezes vistos de forma preconceituosa por sua cor — o povo africano sempre demonstrou grande resistência. Essa resistência se manifesta na preservação e valorização de sua cultura, que continua a influenciar profundamente a maneira de viver e a identidade do Brasil.

Pedro de Oliveira Farias,
aluna do 7º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito

Cultura africana

A cultura africana influencia diversos aspectos da sociedade brasileira, como a música, as danças, a culinária e os costumes.

Na música, destaca-se o uso de instrumentos tradicionais como o berimbau, o afoxé e muitos outros.

Nas danças, a capoeira, que combina luta e arte, e o samba de roda são exemplos marcantes da herança africana.

Na culinária, pratos como o acarajé e o angu, trazidos pelos africanos, enriqueceram a gastronomia brasileira.

De forma geral, a cultura africana teve, e ainda tem, uma importância fundamental para o Brasil, moldando e enriquecendo sua identidade.

Isis Valentine Santana Araújo,
aluna do 7º ano, turma 1, da
Escola Estadual Farias de Brito

Tradições e práticas culturais

Com a chegada dos portugueses, a escravidão assumiu formas variadas, com pessoas especializadas em capturar e aprisionar outros indivíduos para serem enviados como escravos à Europa e às Américas.

Para manter sua cultura viva, os escravizados ressignificaram e recriaram valores, adotando e adaptando a religiosidade, o que permitiu que suas tradições e práticas culturais persistissem.

A música, a dança e as celebrações religiosas tornaram-se expressões essenciais da resistência de sua identidade. Elementos como o samba, o candomblé e as danças afro-brasileiras são frutos dessa herança cultural, que floresceu mesmo diante da opressão.

Nycole Vitoria Marinho Coelho,

aluna do 8º ano, turma 2, da
Escola Estadual Farias de Brito

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial



Poemas escritos por alunos do ensino técnico do curso de Edificações na forma integrada do Campus Manaus Centro do Instituto Federal do Amazonas, elaborados durante oficina de produção textual sobre temáticas étnico-raciais e apresentados no **Sarau Literário**, alusivo à Semana dos Povos Indígenas 2024, e poemas de alunos dos 7º, 8º e 9º anos da Escola Estadual Professor Djalma da Cunha Batista, produzidos em oficina literária realizada durante o PIBEX 2023: “Semana dos Povos Indígenas do Amazonas 2023: encontro das diferenças”.

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

A dor dos indígenas

Antes dos europeus,
Eles já tinham suas raízes plantadas aqui,
Desfrutando da fartura e da beleza da mãe
natureza,
São os povos originários que viviam aqui.

Até a chegada do homem branco,
Impondo seus costumes e crenças,
Como se os nativos não fossem
Dotados de inteligência.

Hoje, eles vivem a mercê da sociedade,
Lutando contra a discriminação,
Em busca do reconhecimento de sua
identidade,
Tentando não perder sua etnia,
Com o avanço da impunidade.

Nas margens dos rios e nas matas
ancestrais,
Suas tradições e saberes ecoam pela paz,
Resistindo ao tempo, a opressão e ao mal,
Reivindicam seu espaço, seu Direito
Natural.

Com coragem e força, seguem a adiante,
Preservando a história que o tempo não
apaga,
Em busca de justiça a cada instante,

Construindo um futuro ...
E fortalecendo esperança.

A luta se tornou constante e cansativa,
Torcendo para não perder o que lhe
restou,
Suas terras tomadas novamente!?
A sociedade atual, tem a ganância
brutal,
Mas, os indígenas só querem
permanecer
Em seu local ancestral.

Seu olhar conta histórias,
E mãos que produzem tradições,
Eles mantêm vivas as memórias,
Das antigas gerações,
Na dança, na pintura, na canção,
Manifestam sua identidade,
Lutam por preservação,
Por justiça e igualdade.

Precisamos aprender com sua
sabedoria...
Valorizar sua herança,
E juntos construir uma sociedade mais
justa,
Onde este povo e todos nós,
Possamos vencer a intolerância!

Alunos da turma IEDF 11:

Izabelly Silva dos Santos
Ana Rosa Barbosa Benevides
Juan Guilherme Otapiassis Amazonas
Shelton de Souza Matos
Pedro Henrique Ferreira da Silva



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

As guerras dos povos indígenas

Nas minhas terras eu vivi,
Naquelas terras eu cresci,
Mas com o surgimento de terras vizinhas,
Toda a liberdade ali me despedi.

Os portugueses me escravizaram,
Por eles eu quase morri,
Com a morte dos meus ancestrais,
A essa terra me rendi.

Com o papel assinado
A escravidão chegou ao fim,
Mas as terras colonizadas,
Não pertencem mais ao clã que vivi.

Mas ainda hoje vejo o preconceito,
Vejo gritando em seus olhos,
Sua fúria contra meu povo esplandece,
Queremos respeito pelas nossas origens!

Até hoje meu povo sofre,
Até hoje meu povo morre,
Por ouro vale a pena não comer?
Por ouro não vale a pena uma criança morrer!

Pela ganância do homem
Que só pensa em enriquecer,
Os povos indígenas sofrem para vencer,
De doença e fome irão morrer,
Mas da terra amam viver.

Alunos da turma IEDF 11:

Anny Carolinny Andrade Silva
Johana Lobo de Oliveira
Graziele Souza Abreu
Ana Clara Silvia Barroso
Brenda Almeida Gomes



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Mundo desigual

Nos corações das florestas ancestrais,
Reside a alma dos povos originários,
Guardiões das tradições milenares,
Conectados à terra em seus cantares.

Sob o manto verde da Amazônia,
E nas planícies do cerrado a brilhar,
Os filhos da terra, com sabedoria,
Preservam sua cultura a ecoar.

Ninguém ouviu, ou quis ver,
ou talvez não quiseram perceber,
A dor dos povos do Brasil
Julgados por tantas coisas.

Ora se somos todos iguais,
Por que viver em um mundo desigual?

Da luta pela terra e pela preservação,
Eles seguem firmes, em resistência,

Ensinando ao mundo a lição
De amor e cuidado à mãe natureza.
Que possamos honrar sua herança,
Valorizando sua sabedoria ancestral,

E juntos construir uma aliança
De respeito, justiça e igualdade social.
Com culturas que sempre estarão presentes
Na vida de muita gente,

Nas atividades de hoje e de antigamente,
que estarão sempre na nossa mente
hoje e para todo sempre.

Alunos da turma IEDF 11:

Sofia Balieyro Barbosa
Anna Beatriz Magalhães de Menezes
Kerlysmar Thamara Pellegrin Rangel
Mikaela Juliana Gomes Martins
Kamilla dos Santos Pereira
Camilly Cordeiro Froes



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Povos indígenas do Brasil

Todo povo merece o direito de ir e vir;
O direito de estar e ser, o direito de não
sumir;
Toda a arte que se desfez, até o povo
que se refez,
Se minha voz ainda não te alcança.

É porque fui calado pela tua lança,
Eu tenho direito de estudar,
Eu tenho direito de ser considerado,
O homem branco não pode tirar.

O meu direito de ser respeitado,
Ninguém entende meu povo,
A nossa cultura chega como um sopro,
Sou sonhos de mil nações,

E algumas belas canções,
Eu danço com prazer para meu deus Tupã,
Sentido o meu corpo com a luz da lua,
Minhas artes já vieram de cada pé que eu
danço.

Dançado para os meus deuses
com prazer a cada passo que eu faço,
Desde o começo me taxaram como bárbaro,
Meu povo diminuído pela perene opressão.

Já fui oprimido, mas deixo claro,
Que ainda tem fogo em meu coração,
Faço guerras com meus arcos e flechas,
Me escondo no mato,
Mas brinco de briga de galo
E não arrego nem no talo.

Alunos da turma IEDF 11:

Lilian Farias dos Santos Nogueira
Patrícia de Pinho Silva
Eloá Marques Leão
Cauã Rickson da Silva
Amabilly Maria Menezes de
Nogueira



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Vozes ancestrais: o eco poético dos povos indígenas

Nas palavras tecidas em sons antigos,
Resplandece a voz dos povos ancestrais,
A arte da palavra, elo de abrigos,
Na literatura, contam-se seus rituais.

Recriando a realidade em mistério, Os
indígenas narram sua trajetória, Em versos
livres, selva e cenário, A alma ecoa na
floresta, memória.

Prazer na leitura, direito ancestral, De
cada ser, da tribo e do ritual,
A beleza das folhas, o canto natural,
Na dança das letras, o conhecimento vital.

Experiência viva, nas páginas sem fim,
Os indígenas ecoam em cada linha,
Na literatura, seu legado enfim,
Em cada verso, a essência que brilha

Nas entrelinhas, os segredos ancestrais,
Guardados na escrita, memórias imortais,
A sabedoria dos povos, como um cristal,
Reflete na poesia, em cada detalhe.

No fluir das palavras, o eco dos xamãs,
Em cada verso, a força dos planaltos,
A literatura, guardiã dos laços humanos,
Unindo passado, presente e amanhã.

Alunos da turma IEDF 11:

Davidson Borgens Vidinha da Silva
Ismael Azevedo da Silva
Maria Clara Mota de Oliveira
Evelyn Victória de Castro da Mota
Adriane Vitória dos Santos
Sampaio



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Os filhos da terra

Ô povo meu, que de longevê a sua morte!
Chegando a espreita, sorrindo forte,
No aguardo,o amanhecer se levanta. A
floresta sem o seu canto, espanta.

Oh! Povos da floresta, das matas e do
sertão!
Que vivem na natureza, como vossos pés
no chão,
Nascestes aqui, na terra de Santa Cruz,
Com a vossa história, na minha memória
ao prado reluz.

Na etnia,vivendo com os irmãos
Plantando macaxeira e tirando lenha,
Comendo peixe e pirão,
Vivendo com destrezae manha.

Os homens em caravelas chegaram,
E que com seus conhecimentos
E crenças nos aprisionaram ...
Ao amanhecer, as desavenças começaram...

Da Amazônia ao Pantanal, seu lar sagrado,
Raízes profundas, de um passado marcado.
Resistência e força, em cada olhar mostrado,

Orgulho e beleza,por séculos preservado.

Os povos indígenas, tesourosa proteger,
Vozes da terra, um dever reconhecer.
Em respeito e paz, juntos viver,
Nossa diversidade, sempre enriquecer.

Alunos da turma IEDF 11:

Sara Cristina Reis da Silva
Davi Gato Barbosa
Leonardo de Souza Amoedo
Vitória Geovana da Silva Mota
Fernanda de Almeida Monteiro
Levy Silva Fernandes



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Potira, a jovem guerreira da floresta

Nas terras antigas dos nativos,
a lenda ecoa forte,
Sobre a Índia Potira,
bela como a própria sorte,
Seu sorriso era radiante,
seu olhar cheio de luz,
Encantando a todos que cruzavam
seu caminho a flux.

Com cabelos ao vento, ela dançava entre as
árvores, em perfeita harmonia
com os seres das tradições.
As folhas sussurravam segredos e
brisas mansas, enquanto Potira
cantava melodias em canções.

Sua alma pura e ingênua atraía a admiração,
Dos animais da floresta e dos
espíritos ancestrais,
Ela era protegida pelas forças da natureza,
E guiada por sua intuição, sem medo dos
vendavais.
Com a ajuda da lua, das estrelas e
dos rios a cantar,
Ela rompeu o encanto e se libertou
do mal em trama,

Com determinação e sabedoria, Potira
prevaleceu,
E a lenda da jovem guerreira
se espalhou em chama.

Agora, Potira protege as florestas
e os povos,
Sua história de coragem e amor ecoa,
eternamente,
Na memória dos que acreditam
na força da união,
E na beleza da terra que nos guia
sabiamente.

No coração da selva,
um grande perigo se aproximava,
O feiticeiro malvado invejava
a beleza de Potira,
Com um feitiço negro,
ele tentou aprisioná-la,
Mas a coragem da jovem índia era como
uma fogueira.

Alunos da turma IEDF 12:

Isis Percephone Guimarães dos Santos
Agatha Victoria de Souza Coelho
Ester Ferreira da Costa
Bruna Camille Roas de Araújo
Ana Clara Albuquerque de Souza
João Estevão Almirante dos Santos
José Felipe de Almeida Gomes



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Alma Resistente

Povos originários, saberes ancestrais,
No coração da floresta, sua verdade se faz,
Na luta desigual resistem com firmeza,
determinação, coragem e braveza.

Mas da luta e resistência o sofrimento surgiu,
Do avanço daqueles com interesses mascarados,
Que destroem sua cultura,
E aniquilam sua existência.

Vieram antes de 1500,
Receberam muitos julgamentos,
E a cultura quase se perdeu,
Inúmeros clãs lutaram e morreram...

Para tentar preservar sua linhagem,
Tiveram muita valentia,
Porém, tudo foi em vão,
E aos portugueses foram submetidos
a anos de escravidão!

Nos tempos atuais, ainda passam por
dificuldades,
Lutando todos os dias por igualdade,
E mesmo assim ainda vivem em uma
sociedade,
Onde os seus direitos nunca foram
respeitados.

Por tempos visto como o "povo
atrasado",
As marcas que eles deixaram no nosso
passado,
só nos faz pensarmos:
E se os portugueses nunca tivessem
chegado?

Alunos da turma IEDF 12:

Rhaica de Almeida Satana
Letícia Gabriella Castro da Silva
Julia Mendes Ramos
Sthefany Peixoto de Lima
Yasmim Isabela Nunes da Silva
Ana Beatriz Oliveira da Cruz
Nayara Rocha de Araújo



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Nossos povos

Nas florestas ancestrais, ecoa a voz
Dos povos indígenas, guardiães ferozes.
Suas tradições tecidas em lenda e canção. Em
harmonia com a terra, em comunhão.

Povos da Terra, povos do rio,
Povos indígenas do nosso Brasil ,
Povos do ar, povos do fogo,
Os que estavam aqui, antes dos outros.

Os outros vieram com sua fé ,
Sua seda, sua pólvora.
Prometendo paz e uma justa convivência,
O nosso povo apavora!
Trazendo nossa desgraça em sua diligência.

Terras que já foram livres,
Agora estão sob seu jugo,
Os povos indígenas sofrem comum destino
injusto.

Nas terras amazônicas,
Onde pássaros cantam,
As memórias assombram,
Os ventos espantam,
Guardam em sua natureza,
História que carregam a dor e a beleza.

Povos indígenas, sob o sol ardente,
Costumes e crenças que envolvem a
gente ,
Com força e coragem no coração,
Continuam a seguir sua tradição.

Alunos da turma IEDF 12:

Betina Vitoria Alves de Souza
Thienne de Oliveira Nunes
Ryan Levi Rodrigues de Vasconcelos
Carlos Eduardo Azevedo Gomes
Isa Victoria Santiago Mariano
Marcus Vinicius Moutinho
Garcia



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Iloroque cari (demônio branco)

Eu era feliz, filho da terra,
Cultivador de respeito e harmonia,
Nunca imaginei que seria o fim de uma era,
Que minha vida por completo mudaria.

Depois de um encontro indesejado
Com um povo que se dizia mais "civilizado",
Nas margens de um rio, traziam novidades,
despertando nossa curiosidade.

Minha vida mudou por completo,
Me chamaram de burro e analfabeto,
Por um arco e flecha usar,
Da minha ingenuidade começaram a abusar.

Minha religião tentou mudar,
Minha cultura quis tirar,

Meu lar desmatar,
E independente de nossa idade nos
botou para trabalhar.

Com muita dor me fizeram ficar,
E me botei a trabalhar para poder não
apanhar
E meu sangue não derramar,
para sofrimento não mais me causar.

Já não era mais feliz,
Não mais cultivador de respeito,
Hoje, sou só um escravo dos demônios
brancos!
esperando pelo seu leito.

Alunos da turma IEDF 12:

Carlos Sávio da Silva Vinente
Eduarda Rabelo Vidal
Ana Eloísa Almeida Vasconcelos
Luíza Sthefanny Ferreira de Melo
Laís Assunção Dutra
Marcus Tadeu Oliveira de
Castro



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Sussurros da natureza

Nas florestas vastas, ecoa a tradição,
O povo indígena, guardião da visão.
Entre rios e montes, sua história ecoa,
Na terra sagrada, a vida se entrelaça à
pessoa.

Cantam os pajés em língua ancestral,
Conexão profunda com o mundo natural.
Dançam os rituais, em círculos sagrados,
O espírito livre, pelos ventos, é levado.

Na teia da vida, cada ser é irmão,
Respeito à natureza, lei do coração.
Sob o céu estrelado, a sabedoria reluz,
Nos olhos sábios, o reflexo do andarilho da
luz.

Guardiães do equilíbrio, da terra e do mar,
Lutam pela preservação, sem cessar.

Na luta pela sobrevivência, resistência se
ergue,
A alma indígena, eternamente segue.

Pelos caminhos antigos, pisam com
devoção,
Herança ancestral, guia da jornada em
comunhão.

Na floresta densa, segredos ecoam no ar,
Os sussurros da natureza, a ensinar e a
cuidar.

No fogo da esperança, a chama nunca se
apaga,
Na luta pela justiça, a coragem não se
traga.

Unidos na batalha, pela terra e pelo céu,
O povo indígena, exemplo de amor fiel.

Alunos da turma IEDF 12:

Ana Carolina de Miranda Bastos
Ana Clara Grijó Reis
Hayanne Oliveira da Silva
Anna Rita Lima
Giovana Souza dos Santos
Lorena Nobre Machado



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Povos indígenas, guardiões da terra

Nas matas escuras, a alma ancestral ecoa.
Povos indígenas, guardiões da Terra,
Em suas aldeias, a vida soa.
Na dança das folhas, a sabedoria governa.

Cultura viva, tradição a florescer,
Raízes profundas, na terra cravar,
Comunhão com a natureza, a floresta proteger
Guardiões dos segredos, a história contar.

Na luta pela terra, resistência é luz,
Vozes ancestrais ecoam sem temor,
Contra invasão, bravura conduz,
Povos originários, em defesa do seu labor.

Oh Brasil! Ouça o clamor das etnias,
Respeito e justiça, em cada coração,
Nas quatro direções, nossas harmonias,
Povos indígenas, símbolo de união.

Hannah Livia da Silva Ferreira

Aluna da turma IEDF 12



EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Os povos indígenas do Brasil

Nossa terra ancestral, sagrada e bela,
Onde o rio canta e a floresta chora,
Nossos ancestrais, guardiões da natureza
Protegendo o que de mais puro e valente há.

Nossas histórias contadas pelo fogo,
Nossas tradições passadas de geração em
geração,
Nossa cultura rica em sabedoria,
Nossos cantos, danças e rituais devoção.

Não somos apenas do passado,
Somos o presente e o futuro também,
Lutamos por nossos direitos e territórios,
Com coragem, resistência e muita fé.

Somos os povos indígenas do Brasil,
Guardiões da terra, da vida e da esperança,
Com nossas vozes e força ancestral,
Seguiremos firmes em nossa luta e bonança.

Andrian Siqueira Freitas

Aluno da turma IEDF 12

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Questão indígena

As raízes do tempo se fincam
Contundentemente no berço da mãe pátria
As árvores imaculadas abrigam
Os filhos da Terra, vento e água.

Mas no silêncio do arvoredado
Se disfarça o grito da liberdade
E a indagação do “quem sou?”
Esclarece e manifesta a verdade.

Sou luto, sou vida, sou guerra
A resiliente resposta do solo
Sou o fruto, sou caule, sou terra.

No início, pindorama, agora Brasil
A mudança forçada por quem?
Pelo egoísta sangue branco vil.

Raul de Souza Araújo,
aluno do 3º ano, do curso Técnico em
Informática na forma integrada, do
Campus Manaus Centro

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Poema do contexto atual da sociedade

Vivemos em um mundo de contraste,
Onde a tecnologia nos conecta,
Mas, a falta de empatia nos afasta,
E a intolerância nos projeta,
As diferenças são exaltadas.

E nos esquecemos do que nos une,
A polarização nos divide,
E a violência se torna comum,
A ganância e o individualismo ,
Tomam conta de muitos corações.

Guilherme Gabriel C. Araújo,
aluno do 2º ano, do curso Técnico em
Edificações na forma integrada, do
Campus Manaus Centro

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Verso da Amazônia

Salve! Salve! Amazônia lugar de muita fé!
Salve ! Salve! Amazônia lugar de muita fé!
Um salve pra minha Manaus terra do meu São José,
Um viva pra Iranduba Maués e Tefé,
Um viva pra Parintins Autazes e Manicoré.

Viva minha Amazônia, minha verde nação,
Viva minha Amazônia, minha verde nação,
Que é vermelha e azul, de estrela e de coração,
Terra de caboclo e índio, lugar de miscigenação,
Terra de branco e negro, lugar de miscigenação.

Eu sou caboclo encarnado, juteiro, vaqueiro pescador,
Eu sou caboclo encarnado farinheiro padre agricultor,
Sou perrechê lá da baixa, cabra macho sim senhor,
Cuido da minha floresta que tenho muito amor,
Cuido da minha floresta que tenho muito amor.

Este solo sagrado, altar do meu coração,
Este solo sagrado, altar do meu coração,
Edificado sob a benção da Imaculada Conceição,
Amazonas sempre serás a minha eterna paixão,
Amazonas sempre serás a minha eterna paixão.

Leonardo de Souza Amoedo,
aluno do 1º ano, do curso Técnico em
Edificações na forma integrada, do
Campus Manaus Centro

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Origem

Foram eles os primeiros:
os indígenas, os negros
e os ribeirinhos.
Originários de uma só terra
Transformando-se
em uma só tribo,
Que para se erguer
produziram do animal
até o trigo.

E poucos são lembrados,
mas é esse povo que carrega o brado
"São eles os povos originários",
De sua cultura
Muito temos que aprender,
de seus costumes conhecer.
Com seu povo conviver.

Apreciar o seu estilo de vida
Para que um dia, eu prossiga
Com o orgulho de dizer:
"Como eles quero ser".

Rúbia Nicole Ribeiro da Silva,
aluna do 9º ano, turma 4, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Água do rio

Como a fumaça do Fogo de minha dança,
Não pode poluir mais que sua matança,
Luto com o sangue do meu povo,
para provar que sou Caboclo.

Rouba o nosso céu com a fuligem
da sua própria ignorância,
Suja Jaci com a sua fumaça,
pó e desgraça
Não aguentamos mais essa ameaça.

Festejo nosso Boi Bumbá, açaí, tapioca
e o Tacacá,
Preservo as aves a sua cor, a sua dor
a sua festa.

Protejo com orgulho o coração do
Mundo,
Respeito as lendas, a visagem e o mundo
profundo.

Nathanael Rocha Menezes,
aluna do 9º ano, turma 5, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

O nortista

Nas terras vastas do norte, ele habita,
O Caboclo, forte na moita palpita.
Com raízes profundas, no chão ele firma,
na luta diária, sua vida se transforma.

Indígena, sábio e Guardião da floresta,
sua história, cultura, o tempo não desgasta.
Com traços marcantes, rosto ao vento exposto,
herança ancestral, de valor tão vasto.

Ribeirinho audaz, de águas tão íntimas.
No curso do rio, seu caminho é extinto.
Barqueiro destemido, conhece o vai e vem.
Do banzeiro que flui, no compasso do além.

Sob o céu estrelado, ele encontra seu lar,
o homem do norte na terra a navegar.
Com força e coragem, tece o seu destino,
no pulsar das veias, um legado genuíno.

Ana Luísa O. Brasil,
aluna da Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Minha terra

Na minha terra tem histórias
Na minha terra tem Cultura
Na minha terra tem sabores
Na minha terra tem flores.

Já houve sangue,
guerra, luta, tristeza,
doença, morte e dor,
mas a fé nunca nos faltou.

Acreditamos em nossa terra
nas cores do chão,
Meu povo acredita na humanidade.

O meu suor serve para fortalecer,
para sobreviver,
para termos o que comer.

Na minha terra tem festas
Na minha terra tem amor
Na minha terra tem carisma,
pode não ter ouro nem prata,
pode não se ter dinheiro,
pode não ter sinal,
mas aqui nada nos falta.

Nossa alegria vem do rio forte,
vem do Sol, da pesca
vem da mata,
e vem do Nosso Senhor.

Camylle da Silva Pantoja,
aluna da Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial

Aquele que vem do Norte

Aquele que vem do Norte
sempre persistente, corajoso e forte,
Aquele que vem do Norte
que não tem ruas asfalto ou transporte
remando por águas escuras,
com sua fé que o protege até da morte.

Aquele que vem do Norte,
Lutando em prol de sua cultura
que há tempos foi rachada
pelos "Salvador da Pátria".

Com colorido jeito de viver,
uma típica maneira de cozinhar
e uma especial forma de crer,
aquele que vem do Norte.

Gustavo Benício Costa de Oliveira,
aluno do 9º ano, turma 3, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DO ALUNO AUTOR

arte, cultura e produção textual no contexto étnico-racial



Crônicas escritas por alunos dos 7º, 8º e 9º anos da Escola Estadual Professor Djalma da Cunha Batista, elaborados em oficina de produção textual durante o desenvolvimento do PIBEX-2023, com o tema “Semana dos Povos Indígenas do Amazonas 2023: encontro das diferenças”

Vida de ribeirinho do norte do Brasil

Ao amanhecer, ele prepara o café, e logo após, sai em busca do sustento da sua família, no trabalho com a pesca, no cultivo da mandioca e na fabricação da farinha. A vida do ribeirinho é muito simples, ele não tem muita tecnologia ou luxo para sobreviver, em vários casos não tem geladeira, fogão à gás, lâmpada e cama. Essas coisas são substituídas por utensílios mais simples de se usar por conta da vida na floresta, longe da cidade. Por isso, em sua casa, tem o pote, um recipiente feito de barro, de fundo falso e oco onde é colocada a água que logo se esfria. No preparo da comida, ele usa o fogão à lenha; para iluminar a casa, ele usa a lamparina e, para uma boa noite de sono, ele dorme no embalo da rede.

O ribeirinho possui as técnicas dos povos ancestrais desse lugar, no preparo da farinha d'água, farinha de tapioca, da goma, do tucupi, o beiju e o pé de moleque. Na pescaria, existe uma grande variedade e quantidade de peixe, uma parte é salgada para durar mais tempo e outra se produz o piracui, que é a farinha de peixe. Além da carne de caça que também é salgada e preservada para as próximas refeições.

Dependendo do lugar onde ele mora, existe uma linguagem muito própria para conversar, sempre puxando o sotaque do caboclo, mestiço desse lugar. O ribeirinho tem a floresta como mãe e guardiã, sempre mantendo o profundo respeito, e protegendo a sua única fonte de vida. À noite, para o ribeirinho é mágica, ele costuma se reunir para contar histórias, a mais conhecida como "história de pescador". O ribeirinho mostra para o mundo que sempre podemos viver em harmonia com a natureza, e que independente de todas as dificuldades, sempre se mostra simples e humilde.

Yasmim de Oliveira Gomes,
aluna da Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

Confusão manauara

No meio do mato, como dizem os turistas, vivem os manauaras, um povo curioso e engraçado. Um povo esperto que aprendeu com o tempo a se adaptar a essa terra tão traiçoeira e ao mesmo tempo maravilhosa. Sou alguém que pode ser dito como "Manauara Nutella" ou como dizem em seu dialeto, "fresco", por experiência própria poderia explicar por horas situações em que olhei e pensei; "isso é Manaus!".

Ar-condicionado em Manaus não é luxo, é necessidade! O clima vai de quente à chuvoso muito rápido, sem prévio aviso. Os bairros da Compensa ou Tarumã não são para qualquer um. O shopping em Adrianópolis vira Point do estudante manauara, quando a aula acaba mais cedo se não for lá, existe a praia da Ponta Negra, com sol escaldante de meio-dia, mas mesmo com toda essa quentura, não tem um manauara raiz, que não ouse entrar naquela água.

A alimentação típica e regional, se um turista pisar aqui tem que degustar do seguinte cardápio: x-caboquinho, tacacá, açaí, jaraqui, tambaqui, pirarucu entre outras delícias locais. Sobre seu dialeto, palavras e expressões maravilhosas podem sair da boca. Seu dialeto é bem amplo e engraçado ou até confuso para quem vem de fora. Isso é Manaus, isso é ser manauara.

Julia Mirella,
aluna do 9º ano, turma 1, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

O guardião da floresta

Nas margens do majestoso rio Amazonas, vive um caboclo cuja vida é um testemunho da conexão profunda entre o homem e a natureza. Ele é um guardião das águas e das florestas exuberantes que o cercam. Seus olhos castanhos refletem décadas de sabedoria, e suas mãos com calos contam histórias de luta e sobrevivência.

Esse caboclo, com seu sorriso acolhedor, com nascer do sol, parte em sua canoa, deslizando silenciosamente pelas águas escuras. Seu barco é seu cúmplice, uma extensão de seu ser, e juntos eles exploram os recantos secretos dos igarapés. Ele pesca com respeito, pegando apenas o que precisa, e devolve a água o que não pode carregar.

À noite, sob o manto de estrelas, o caboclo compartilha histórias com sua família. Conta sobre os mitos dos rios encantados e dos espíritos da floresta, isso mantém viva a tradição oral que passa de geração em geração.

Esse caboclo é o guardião silencioso da floresta, um protetor dos tesouros naturais que o rodeiam. Sua vida nos lembra da importância de preservar a Amazônia, não apenas como santuário de biodiversidade, mas como lar para as pessoas como ele, cuja ligação com a Terra e a água é tão profunda quanto as raízes das árvores antigas. Que seu exemplo sirva como um lembrete de que, em meio a modernidade, devemos honrar e proteger as culturas e os lugares que enriquecem nosso planeta.

Isabella Lopes Cordeiro,
aluna do 9º ano, turma 2, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

Ser do Norte

Cresci ouvindo histórias e lendas sobre o lugar onde vivo, sobre a cultura distinta e misteriosa, sobre a comida inigualável e, principalmente, sobre as lendas e os costumes do povo nortista. É impossível falar do povo do norte, sem citar as gírias e os palavreados estranhos como: "telezé", "tá bom cheiroso", "falo mermo", "olha já" etc. gírias que nos fazem ser quem somos.

Ser do Norte não nos faz todos índios e ou selvagens ou quaisquer nomes preconceituosos que o povo da cidade grande nos denomina. Ser do Norte é ser livre e filho da natureza, sem querer nada em troca, é saber da coragem dos povos originários e aprender com eles, pois devemos lutar pelo o que é nosso. Nosso rio, esperança do povo, sem ele o que somos? Ah! Nele, podemos ser o que quisermos, voltar a ser criança ou até mesmo nos tornar um pescador. Neste vastoe imenso rio, podemos presenciar cara a cara, as famosas lendas como a do boto cor de rosa, que não há um artista que diga que é apenas uma lenda.

Não há lugar melhor que este, mesmo com o cheiro de "pitiu" e o sol torrencial, somos os pobres mais ricos do mundo, não apenas pela nossa floresta e nosso rio que fornece água para uma boa parte da população, somos ricos de sabedoria, de história e tradição...

Jakeline Gentil,
aluna do 9º ano, turma 1, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

O homem do Norte

O homem da região norte, também conhecido como caboclo é forjado pelo trabalho duro e ardente, sua vida se passa no vasto território do norte, onde os ventos sopram com a força e a natureza revela toda a sua grandiosidade. Ele é moldado pela vastidão das paisagens e pela riqueza cultural da Amazônia. Sua pele resiste ao redor do clima amazonense, e seus olhos refletem a sabedoria adquirida, ao longo dos anos, com a natureza, ele conhece cada pedaço de sua terra como a palma de sua mão, desde os majestosos rios: Negro, Amazonas e Solimões até as florestas mais misteriosas.

Estão presentes também, na vida do caboclo, inúmeras tradições ancestrais, que são transmitidas de geração a geração. O homem do norte, valoriza sua cultura e preserva suas raízes com orgulho mantendo viva a memória dos seus antepassados. Ele é um guardião da natureza, respeita os rios caudalosos, as florestas exuberantes e os animais selvagens que habitam o seu território.

Assim o homem do norte se destaca, não apenas por sua coragem e força, mas também por sua essência em saber e ser natural e calmo. Na felicidade ou na infelicidade, sentir como quem olha, pensar como quem anda, e quando se vai morrer, lembra-se de que o dia morre, e que o poente é o belo, e bela é a noite que fica... Assim é, e assim seja o homem do norte.

Taís Clara Lima,
aluna do 9º ano, turma 5, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

Em busca da inspiração

Eu me vi diante de uma folha em branco, querendo escrever uma crônica sobre o que foi proposto a mim, mas queria que fosse algo bem feito para depois que eu fosse ler eu sentisse orgulho de mim mesma. Mas como eu não tinha muito conhecimento sobre esse assunto, fui pedir ajuda da minha querida avó.

Cheguei a ela com caderninho e um lápis e fui logo ao ponto, ela começou a compartilhar suas memórias comigo, de quando ela morava em Codajás, um município simples no interior do nosso Estado. Ela me contou sobre seu pai, um homem forte e trabalhador, que criava boi, pato e galinha. A rotina era intensa: minha avó ia à escola pela manhã e ao retornar ajudava na roça. Era lá que encontravam sustento, caçando na mata ou pescando nos rios os alimentos, eram preparados em um fogão à lenha, cujo aroma envolvia todos os cantos da casa.

Enquanto eu ouvia cada palavra...depois eu continuo...

Laura Valentina Carvalho,
aluna do 9º ano, turma 3, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

Amanhecer

Mais um dia, o sol nasceu numa comunidade à beira do rio Solimões, o clima ao amanhecer era calmo e sereno, lugar de grandes árvores deslumbrantes, de enormes folhas, ao redor de uma casa com janelas abertas, humilde, aconchegante e pequena, mas confortável. Neste lugar, o caboclo acorda antes dos pássaros cantarem, toma banho e se arruma, pois é hora de fazer o café, nem muito amargo nem muito doce, o ponto perfeito.

Saindo de casa, a cantoria era alta, lindo era o soneto do bem te vi e do biscateiro. Indo para o trabalho o mais belo para visão, o sol sobre o rio, a vista perfeita e então começando a pesca veio um médio tambaqui, o pequeno bodó e um grande aruanã e, para encerrar a pesca, um belo pirarucu. Depois de um longo e cansativo dia de trabalho, o caboclo volta para sua casa todo molhado de suor, ele avista os curumins e as cunhantãs correndo e brincando no rio, ele lembrou da época que era uma criança muito sapeca. Chegando em casa, tomou um banho, comeu e encerrou seu dia, ouvindo uma bela canção, relaxando em sua rede, esperando mais um dia de batalha vir.

Aluna da Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

Interior

Sobre a luz do sol, nascendo sobre as águas do rio, os galos cantam, iniciando mais um dia no interior do Amazonas. Em meio a toda calma das maravilhas da natureza, chegam em seus barcos aqueles que estavam em trabalho árduo na pescaria, esvaziando e lavando suas redes, levando cardumes e cardumes para a comercialização, pois assim trazem os mantimentos para seus lares.

Algo comum no interior, é que podemos preservar a tradição e os costumes. No interior as famílias são populosas e as crianças aprendem os costumes de seus familiares. Desde cedo, começam a praticar a pesca, a caça e logo aprendem a nadar e sobreviver na mata entre outras coisas.

Outro fato bastante perceptível, entre os residentes do interior, é a presença marcante de lendas folclóricas que são contadas às crianças desde seu nascimento, a elas são apresentadas: curupira, boto cor de rosa, mula sem cabeça, saci-pererê entre outras, pois assim essas lendas continuam vivas para as futuras gerações. A vida do interior é calma e desejada pelas pessoas cansadas da correria da cidade, pois no interior, tudo parece agradável, toda a essência do cotidiano é vivida e sentida.

Jakeline Barbosa Correia,
aluna do 9º ano, turma 4, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

Ser feliz no Norte

Por um momento, paro para pensar, percebo que no norte o homem não precisa de muito para ser feliz. É claro que se eu falasse sobre a situação de algumas etnias indígenas, seriam palavras tão pesadas e carregadas de tristeza e dor que, facilmente, fariam pessoas meditar e até chorar.

Porém, prefiro lembrar do seu lado alegre, cheio de bons costumes, comida boa, cheiro de terra molhada em dias de chuva e dias quentes de Sol. O homem daqui planta os frutos e os colhe, sempre que pode ele divide com os vizinhos, até têm uns que são bem carrancudos e preferem guardar para si; mas isso não abala, esse povo que se junta em jogos de copa brasileira, tosse, grita e até chora pelo seu time do coração. E sim, também temos desavenças, mas um prato de peixe frito com farinha sempre resolve.

Aqui no norte, tudo é motivo de festa, desde uma boa nota na escola, até o aniversário de alguém, mas é claro que o homem daqui, não só festeja, ele também trabalha, cumpre sua carga horária e, mesmo assim, quando chega em casa cansado, ele dá aquele abraço no seu filho que aguardava ansioso por sua chegada. Por um momento, paro de pensar e o sono bate, e então se revira na rede aconchegante, que tem em casa, com o ventilador no máximo, começa a dormir.

Rúbia Nicole Ribeiro da Silva,
aluna do 9º ano, turma 4, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

O Norte do Brasil

O homem do norte brasileiro é moldado pela exuberância da Amazônia, onde a natureza imponente desafiadora forja o seu caráter. Vive em um universo de rios sinuosos, florestas e uma rica cultura regional. É um ser resiliente, que enfrenta as adversidades climáticas e geográficas com bravura, seu modo de vida é profundamente ligado à natureza, dependendo da pesca, da agricultura e da caça.

Este homem é um Guardião da biodiversidade e cultura, ciente da importância de preservar a Amazônia para o mundo. Quanto a sua rica herança cultural, ela é refletida em danças rituais e lendas transmitida de geração a geração. Ele também representa desafios como acesso limitado à educação e à saúde.

De todas as dificuldades, o homem do Norte é conhecido por sua hospitalidade e alegria, ele celebra a vida com festas vibrantes, como o Boi Bumbá e a Ciranda. É uma figura marcante, enraizada na terra que o sustenta, e um lembrete de que a Amazônia é não apenas um lugar, mas um estilo de vida.

Kelly Cristine A. Silva,
aluna do 9º ano, turma 4, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

Cultura esquecida

Durante uma tarde de domingo, eu fui à feira cultural da FAS (Fundação Amazônia Sustentável), localizada no Parque 10, em Manaus. No evento pude ver bancas de diversos tipos de artesanato, velas aromáticas, livros, comidas típicas e brechós, uma proveitosa exposição de arte na feira. Diante desse cenário, pude refletir sobre a diversidade de culturas que foram expostas no intuito de apresentar e valorizar cada um dos seus trabalhos.

Em minha recém experiência, cativou-me a atenção às bancas de artesanato indígena, a velha índia que ali estava, vendendo seu artesanato da cultura ancestral de seu povo. Esse momento, despertou em mim as seguintes questões: Por que uma cultura tão linda e diversificada é deixada de lado, facilmente, pelo seu próprio povo? O que nos levou a ter vergonha da nossa descendência indígena? E por que não valorizamos os ancestrais de nossa herança? Então, convido a todos para refletir sobre nossas origens, valorizando nosso passado que está presente nos povos originários.

Pedro Keven,
aluno do 9º ano, turma 2, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

Boi Bumbá

Estava na escola, até que recebi a notícia que minha turma iria dançar o famoso Boi Bumbá, já sabia do que se tratava, mas nunca tinha dançado, então resolvi saber mais sobre o assunto. Numa conversa com minha professora e meus colegas, descobri que o boi não é originário do Amazonas, mas sim do Maranhão, ele também existe em outros estados do Brasil como Pará, Paraíba e Bahia cada um tem seu próprio nome.

No Amazonas é conhecido como Boi Bumbá, ele foi inspirado nas histórias indígenas amazonenses, minha experiência com ele foi boa, porém precisava pesquisar mais sobre o ritmo das danças que nossa sala iria apresentar. E quanto mais observava, eu me encantava com essa tradição. A música era atrativa, a animação das pessoas era maravilhosa, o que até me deixou mais interessada.

Escolhemos a música do Boi Caprichoso, iniciamos os ensaios, quando chegou o dia da apresentação foi uma experiência envolvente. Depois disso, esperei o Festival de Parintins, e assisti pela tevê, o Boi Garantido e o Boi Caprichoso numa exuberante competição, eu nunca tinha acompanhado antes, para mim, ambos mostraram alegria, cultura, diversão e lendas do nosso povo, mostraram que mesmo sendo lados diferentes, a diversão ainda era a mesma, como é bom o nosso querido Boi Bumbá.

Emily Nicole Braga de Freitas,
aluna do 9º ano, turma 2, da
Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista

A conversa de um povo

Um dia, ouvi minha mãe conversar com uma amiga, ora falando na língua tucana (sua língua indígena materna) ora falando em português, e aqui em casa sempre foi assim essa mistura de duas línguas, duas culturas que se fundem em um pequeno espaço de 90 metros quadrados.

Elas conversavam sobre o passado, como era viver no interior, fora da capital. Filhas de ribeirinhos indígenas do interior do Amazonas, contavam sobre a vida simples que as aguardava toda manhã. Acordavam cedo, ajudando suas mães a preparar as refeições: cozinhar o peixe trazido da pesca pelo homem da casa, preparar o mingau e o beiju, nadar no rio Uaupés, depois ia para a roça colher mandioca, abacaxi, cará e voltar para suas casas de palha, de chão batido e parede de barro.

Contavam também sobre os dias de festas e os encontros para realizar rituais indígenas, onde transmitiam as histórias dos ancestrais, mitos e tradições que eram passadas de boca a boca, de geração a geração para manter sua cultura viva. Ao final da conversa, perguntei a elas se preferiam os manauaras da cidade grande ou os ribeirinhos. Então, responderam-me, quase em couro, que independentemente, se são de Manaus do interior ou de outro estado nortista, somos pessoas calorosas que recebem de braços abertos, cada um que chegar aqui, pois somos filhos desta mesma Terra de lugares sagrados, vida e sonhos que chamamos de casa.

Miriele da Silva Arbella,
aluna da Escola Estadual de Tempo Integral
Professor Djalma da Cunha Batista



Estética Poesia



INSTITUTO FEDERAL
Amazonas
Campus Manaus Centro

NEABI
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena
IFAM - CAMPUS MANAUS CENTRO



ENCEPE
Encontro do NEABI-CMC em
Ensino, Pesquisa e Extensão

